

A fortaleza de Hijarna estava se desfazendo lentamente por talvez mil anos antes que a Quinta Expedição de Alderaan a descobrisse em sua vigília silenciosa sobre o pequeno mundo. Uma vastidão de pedra, negra e dura, dominava de um ponto elevado a planície que ainda apresentava marcas de grande destruição. Para alguns, a enigmática fortaleza fora um monumento trágico: a última tentativa de defesa por um mundo sitiado e desesperado. Para outros, era a causa maléfica tanto do cerco, quanto da devastação que veio em seguida.

Para Karrde, pelo menos no momento, era um lar.

— Você sabe mesmo como escolher, Karrde — comentou Gillespee, apoiando os pés no console de comunicação e olhando ao redor. — Como encontrou esse lugar?

— Está em todos os registros antigos — respondeu Karrde, observando o monitor onde o programa de decifração de códigos corria.

Um mapa estelar apareceu, acompanhado de um texto curto. Gillespee fez um gesto na direção do monitor.

— E o relatório de Clyngunn?

— Isso. Do jeito que foi emitido.

— Nada, certo?

— Quase nada. Não há indicações de tráfego de clones em lugar algum perto de Poderis, Chazwa, ou Joiol.

— Bem, então é isso — disse Gillespee, levantando-se e caminhando até a bandeja de frutas, onde apanhou um driblis — Parece que seja o que for que o Império fazia no setor Orus, parou. Se é que havia alguma coisa lá.

— Dada a falta de indícios, acredito mais nessa última hipótese — afirmou Karrde, apanhando um dos cartões de dados enviados pelo contato de Bepin. — Ainda assim, era algo que precisávamos saber, de uma forma ou de outra. Entre outras coisas, nos deixa livres para nos concentrar em outras possibilidades.

— É verdade — admitiu Gillespee, retornando para o assento. — Bem, para ser honesto com você, Karrde, toda essa história é um pouco

esquisita. Quero dizer, contrabandistas não fazem esse tipo de trabalho. E também não é dos mais lucrativos.

— Eu já disse que você iria ser reembolsado pela Nova República.

— Certo, mas não temos nada para vender a eles. Nunca conheci ninguém que pague por não receber.

Karrde franziu a testa. Gillespee empunhava uma faca de aspecto assustador e cortava uma fatia da dribleis.

— O problema não é o pagamento. E sobre como sobreviver apesar do Império — argumentou Karrde.

— Para você pode ser — disse Gillespee, observando a fatia antes de mordê-la. — Você pode parar por um tempo porque tem operações paralelas que garantem algum. Mas o resto de nós tem folhas de pagamento para acertar e navios para abastecer. Se o dinheiro pára de chegar, nossos empregados ficam fora de controle.

— Então você e os outros querem dinheiro?

— Eu quero dinheiro. Os outros querem desistir.

Não era uma situação inesperada. O fluxo de ódio contra o Império deflagrado pelo ataque no Rodamoinho Assobia-dor esfriara e os hábitos do dia-a-dia começavam a impor seu ritmo.

— O Império continua perigoso — insistiu Karrde.

— Para nós não. Não houve nenhuma atenção extra do Império dirigida a nós desde o Rodamoinho. Eles não se importaram nem um pouco em nos rastrear no sistema Orus; não nos atacaram, nem dificultaram as coisas. Nem ao menos caíram sobre Mazzic, para se vingar do ataque no estaleiro de Bilbringi.

— Eles estão nos ignorando, apesar da provocação. Isso faz com que você se sinta seguro?

Cuidadosamente, Gillespee cortou outra fatia.

— Não sei — admitiu ele. — Metade das vezes acho que Brasck está certo: se deixarmos o Império agora, eles vão nos deixar em paz. Mas não consigo deixar de pensar naqueles exércitos de clones que me perseguiram em Ukio. Comecei a acreditar que talvez ele esteja apenas ocupado demais com a Nova República para se incomodar conosco agora.

— Thrawn nunca está tão ocupado que não possa perseguir alguém — afirmou Karrde. — Se ele está nos ignorando, é porque sabe

que é a melhor maneira de nos neutralizar por enquanto. O próximo passo, provavelmente, é nos oferecer contratos de transporte e fingir que somos todos bons amigos outra vez.

— Você andou conversando com Par'tah?

— Não. Por quê? — indagou Karrde.

— Ele me disse, dois dias atrás, que lhe ofereceram um contrato para levar um lote de motores convencionais para o estaleiro de Ord Trasi.

— Ele aceitou?

— Disse que ainda estava estudando os detalhes. Mas você conhece Par'tah... está sempre perto dos limites. O mais provável é que não consiga recusar.

Karrde voltou-se para o monitor, sentindo o gosto amargo da derrota na boca.

— Acho que não posso culpá-lo. E quanto aos outros?

— Como eu disse, o dinheiro continua saindo. E preciso que entre de alguma forma.

Assim, sem mais nem menos, a relutante coalizão que ele tentara fazer, desmoronava. E o Império não precisara disparar um único tiro.

— Bem, então acho que vou continuar sozinho — declarou Karrde, levantando-se. — Obrigado pela ajuda. Tenho certeza que precisa voltar aos negócios.

— Também não precisa se ofender, Karrde. Você tem razão. Esse assunto dos clones é sério. Se quiser contratar minhas naves para sua caçada, ficaremos contentes em ajudar. Só não podemos mais fazer isso de graça. Basta nos chamar, se precisar — disse Gillespee, caminhando para a porta.

— Espere um pouco. Suponha que eu encontre uma forma de garantir fundos para todos. Acha que os outros concordariam?

— Não me engane, Karrde. Você não tem todo esse dinheiro para gastar.

— Não. Mas a Nova República tem. E na situação corrente, não acho que se importariam em ter mais algumas naves na folha de pagamento.

Gillespee balançou a cabeça, numa negação, antes que o outro terminasse.

— Desculpe, mas não somos piratas nem mercenários.

— Mesmo que seu trabalho seja apenas o de coletar informações?  
— argumentou Karrde. — Seria o mesmo tipo de coisa que fizeram no setor Orus...

— Parece com o trabalho ideal. A não ser por aquele pequeno problema de encontrar alguém na Nova República que seja estúpido suficiente para pagar taxas bem gordas só para que fiquemos bisbilhotando por aí.

Karrde sorriu.

— Para dizer a verdade, eu não iria desperdiçar o valioso tempo deles para falar sobre o assunto. Já conheceu Ghent, meu especialista em computadores?

Por um instante, Gillespee ficou ali, olhando para ele, espantado. De repente, entendeu tudo.

— Você não faria isso...

— Por quê não? Estaríamos prestando um serviço. Por que atrapalhar as vidas deles com esses detalhes aborrecidos sobre contas bancárias, enquanto eles lutam uma guerra?

— E como eles têm de pagar, quando acharmos as instalações de clonagem...

— Sim — concordou Karrde. — Podemos considerar um adiantamento por informações a serem obtidas.

— E como eles não vão saber de nada até tudo terminar...

— acrescentou Gillespee. — A questão é: Ghent consegue fazer uma coisa dessas?

— Com facilidade. Principalmente porque nesse momento ele está em Coruscant, no palácio. Estava planejando ir até lá para apanhar Mara, de qualquer forma; vou pedir para que ele penetre em alguma frota de setor e nos inclua.

— Admito que tem grandes possibilidades... boas, mesmo. Mas não sei se vai ser o suficiente para convencer os outros a reverem a decisão.

— Então vamos ter de perguntar a eles. Vamos dizer... um convite para daqui a quatro dias?

Gillespee deu de ombros.

— Vamos tentar. O que você tem a perder?

— Com o Grande Almirante Thrawn por perto, essa é uma pergunta que deve ser levada a sério — disse Karrde, deixando de sorrir.

As brisas noturnas sopravam por entre as paredes e colunas de pedra da fortaleza em ruínas, assobiando ao abrir caminho por frestas ocultas. Sentado, com as costas apoiadas a um dos pilares, Karrde bebericava e observava a última nesga de sol desaparecer abaixo do horizonte. Na planície abaixo, as sombras alongaram-se sobre o solo castigado, começando a perder definição para a escuridão da noite que se movia inexorável na paisagem.

Levando tudo em conta, era forma simbólica de enxergar 3 guerra na Galáxia e a forma como o envolvera.

Bebeu outra vez, maravilhando-se com o absurdo da situação. Ali estava ele, um contrabandista inteligente, calculista e egoísta, que construía sua carreira mantendo distância da política da Galáxia. Além de tudo, um contrabandista que jurara manter-se, e aos seus, fora daquela guerra em específico. Ainda assim, ali estava ele; envolvido até o pescoço.

E não apenas envolvido, mas fazendo o possível para envolver também seus amigos contrabandistas.

Balançou a cabeça, aborrecido. Essa mesma coisa ocorrera a Han Solo, em algum momento próximo à batalha de Yavin. Podia lembrar-se de ter ficado divertido com o envolvimento progressivo de Solo, sua responsabilidade crescente e os deveres para com a Aliança Rebelde. Agora, vendo do interior, a coisa não parecia tão engraçada.

Do outro lado do pátio ressecado veio o som de cascalho sendo pisado. Karrde voltou-se para observar os pilares de pedra naquela direção, deixando cair a mão para o coldre. Não deveria haver ninguém por ali àquela hora.

— Sturm? Drang?

Um forte ronronar tranquilizou-o e deixou escapar um suspiro de alívio.

— Aqui — chamou ele na direção das sombras. — Venham aqui!

A ordem não era necessária. Um vornskr já estava saltando ao redor do pilar onde ele se encontrava, o focinho abaixado e a cauda abanando vigorosamente. Karrde olhou e decidiu que era Drang, o mais

sociável dos dois; Sturm tinha uma certa tendência a brincar com sua comida antes da matá-la.

O vornskr parou à frente dele, emitindo mais um dos rosnados em estalidos, desta vez com uma nota triste. Pressionou o focinho contra a palma da mão de Karrde. Era Drang, com certeza.

— E, está tudo muito quieto por aqui — disse, em voz alta, correndo a mão pela cabeça do predador, movendo os dedos para cocar atrás da orelha.

— Mas os outros vão voltar logo. Eles só foram verificar as naves.

Drang emitiu mais uma vez o estranho lamento, e sentou-se ao lado da cadeira do dono, observando com atenção o terreno à frente. Desinteressando-se a seguir, ronronou e apoiou o focinho no solo. As orelhas moveram-se como radares por um instante, depois dobraram-se.

— Está tudo quieto por lá também — concordou Karrde. — O que acha que aconteceu aqui?

Drang não respondeu. O humano observou-o, admirando as costas musculosas, pensando como eram estranhos aqueles predadores que adotara, com tanta naturalidade... talvez até um pouco de arrogância. Teria feito a mesma coisa se soubesse que eram os únicos animais que caçavam com a Força?

Talvez se tratasse de uma conclusão precipitada, mas o uso da Força pelos animais não era desconhecido. Os gotal apresentavam uma forma bastante inútil e existiam rumores de que os duinuogwuin também, só para citar dois exemplos. Mas todos aqueles que possuíam tal sensibilidade eram criaturas conscientes, com os altos índices de inteligência em que isso implicava. O uso da Força em animais não conscientes era algo novo.

Mas fora uma conclusão a qual os eventos dos últimos meses o haviam conduzido. Primeiro, a reação inesperada a Luke Skywalker, na base de Myrkr; depois, o mesmo tipo de comportamento em relação à Mara no *Wild Karrde*, pouco antes da premonição que ela tivera sobre o ataque do Império.

Houve ainda a reação mais perigosa dos vornskr selvagens, atacando incessantemente Mara e Skywalker durante a viagem pela floresta de Myrkr.

Skywalker era um Jedi. Mara demonstrara alguns talentos Jedi. Talvez, mais significativo do que tudo isso, fosse a existência dos ysalamiri no mesmo ambiente, animais que criavam uma bolha na Força, que podia ser explicada como forma de defesa, ou camuflagem contra predadores.

De repente Drang levantou a cabeça, as orelhas em pé, a cabeça inclinada. Karrde apurou os ouvidos... alguns segundos depois escutou os ruídos do veículo que retornava.

— Está tudo bem. São Chin e o resto do pessoal que estão voltando.

Drang manteve a postura por alguns instantes, depois, como se tivesse decidido que o dono tinha razão, baixou outra vez a cabeça. Voltou-se para uma planície que, de acordo com os cálculos de Karrde, estaria ainda mais silenciosa para ele do que para o dono.

— Não se preocupe — disse ele. — Vamos sair daqui logo. Prometo que o próximo lugar para onde vamos vai ter um bocado de vidas para você escutar.

As orelhas do vornskr giraram. Karrde admirou ainda um vez as cores do pôr-do-sol, levantou-se e arrumou o cinturão na cintura. Não havia nenhum motivo em particular para entrar. Enviara os convites, codificados e formais e agora só restava esperar. De repente sentira solidão naquele local. Mais do que há poucos instantes.

— Vamos, Drang — chamou Karrde, afagando as orelhas do vornskr. — Está na hora de entrar.

O transporte baixou até o convés do hangar do *Quimera*, com as válvulas assobiando sobre a cabeça das tropas de elite em formação solene dos lados da rampa de desembarque. Pellaeon permaneceu ao lado de Thrawn, fazendo uma careta pelo odor desagradável dos gases produzidos. Desejava muito saber o que o Grande Almirante estava preparando dessa vez.

Fosse o que fosse, tinha o pressentimento de que não iria gostar. Thrawn podia falar o quanto quisesse sobre como eram previsíveis os contrabandistas, e talvez até fossem, para ele. Mas Pellaeon tivera suas próprias experiências com aquele tipo de marginais e nunca conseguira um só negócio que não tivesse corrido mal, de uma forma ou de outra.

E nenhum acordo provinha da petulância de atacar um estaleiro do Império.

A rampa imobilizou-se em posição. O comandante deu uma ordem para o interior da nave e trazidos por dois homens de uniformes negros, desceram os prisioneiros.

— Ah, capitão Mazzic... — saudou Thrawn. Bem vindo a bordo do *Quimera*. Peço desculpas por minha forma um tanto teatral de trazê-lo até aqui e pelos problemas que possa ter acarretado ao seu horário. Mas existem certos assuntos que devem ser discutidos pessoalmente.

— Você é engraçado — começou Mazzic. — Como me encontrou?

Fazia um belo contraste com a imagem de homem educado que os relatórios da Inteligência mostravam. Por outro lado, o conhecimento de que se vai passar pelo interrogatório do Império é o suficiente para afastar todo o verniz da educação.

— Ora, vamos, capitão. Pensou mesmo que poderia esconder-se de mim se eu quisesse encontrá-lo? — indagou Thrawn, com voz calma.

— Karrde conseguiu — respondeu Mazzic, tentando sem sucesso demonstrar calma. — Você ainda não o pegou, certo?

— A hora de Karrde irá chegar, não se preocupe. Não estamos conversando sobre Karrde e sim sobre você.

— Tenho certeza de aguarda ansioso por esse momento — disse Mazzic, irritado. — Vamos lá! Vamos acabar logo com isso.

As sobrancelhas do Grande Almirante ergueram-se perceptivelmente.

— Você entendeu as coisas errado, capitão. Não está aqui para receber um castigo. Está aqui porque desejo esclarecer as coisas entre nós.

— Do que está falando agora? — indagou Mazzic, levantando a cabeça.

— Estou falando sobre nosso recente incidente nos estaleiros de Bilbringi. Não... não se dê ao trabalho de negar. Sei que foram você e Ellor que destruíram um destróier estelar inacabado. E você tem razão para pensar assim, porque o Império exigiria um preço bem alto pela ousadia. Contudo, estou preparado para evitar isso.



— Não estou entendendo...

— E muito simples, capitão — começou o Grande Almirante, gesticulando para que o soldado removesse as algemas — Seu ataque em Bilbringi foi uma vingança por um ataque similar contra uma reunião de contrabandistas em Trogan Tudo certo; só que nem eu, nem oficial algum do Império demos ordens para aquele ataque. Na verdade, o comandante da guarnição tinha ordens explícitas para deixá-los em paz.

— E você espera que eu acredite nisso? — perguntou Mazzic.

— Prefere acreditar que sou incompetente a ponto de mandar uma força- tarefa obviamente inadequada para a missão?

Mazzic encarou os olhos vermelhos, ainda demonstrando hostilidade, mas começando a assumir uma atitude pensativa.

— Sempre achei que foi fácil demais.

— Então estamos começando a nos entender. E o assunto fica decidido. O transporte tem ordens para levá-lo de volta à sua base... ou melhor, para sua base-reserva, para onde devem ter ido sua tripulação com a nave, em Lelmra. Novamente apresento minhas desculpas pelo inconveniente.

Os olhos do contrabandista percorreram o hangar, como se procurasse ainda algum truque, mas tivesse esperança fervorosa de que não fosse.

— Só isso? Devo acreditar em você?

— Está convidado a acreditar no que quiser — disse Thrawn. — Mas lembre-se de que eu o tive nas mãos... e o deixei partir. Bom dia, capitão — despediu-se o Grande Almirante, começando a voltar-se.

— Então quem eram eles — indagou Mazzic. — Quero dizer, se não eram gente do Império, quem eram?

Thrawn interrompeu o gesto e voltou-se.

— Eles eram mesmo soldados do Império. Nossos inquéritos sobre o ocorrido ainda estão incompletos, mas por enquanto parece que o tenente Kosk e seus homens estavam tentando ganhar um pouco de dinheiro extra.

— Sabe quem foi?

— Acredito que sim. Mas como não tenho nenhuma prova...

— Me dê uma pista, pelo menos.

— Descubra as próprias pistas, capitão. Tenha um bom dia. O Grande Almirante voltou-se e retornou ao arco que levava às áreas de serviço e manutenção. Pellaeon aguardou o suficiente para que Mazzic e os seus fossem embarcados outra vez. Depois perguntou em voz baixa:

— Grande Almirante? Acha que foi o bastante?

— Isso não importa, capitão. Nós demos o necessário e se o próprio Mazzic não for esperto o suficiente para apontar Karrde, um dos outros fará isso. De qualquer forma, é sempre melhor oferecer menos do que mais. Algumas pessoas desconfiam de informações fáceis.

Atrás deles, a nave elevava-se do convés e retornava ao espaço. De sob o arco da passagem surgiu uma figura.

— Belo serviço, Grande Almirante — afirmou Niles Ferrier, mudando o charuto de lado na boca. — O senhor fez com que ele se borrasse de medo, depois o trouxe de volta.

— Obrigado, Ferrier. Sua aprovação significa muito para mim — respondeu Thrawn com frieza.

Por um segundo, pareceu que o sorriso de Niles Ferrier iria desmanchar-se, mas ele preferiu fingir que não entendeu.

— Ótimo. Qual nosso próximo passo?

Os olhos do Grande Almirante brilharam com o nosso.

— Karrde enviou uma série de transmissões na noite passada, uma das quais nós interceptamos. Estamos decifrando, mas deve ser uma chamada para outra reunião. Uma vez que tenhamos a localização e o horário, passaremos esses dados para você.

— Claro — respondeu Ferrier, dando a impressão de encolher.

— O que você *vai* fazer, é certificar-se de que um certo cartão de dados seja encontrado na posse de Karrde. De preferência a bordo da nave dele... acho que é o primeiro lugar onde Mazzic vai procurar — declarou Thrawn.

Fez um gesto para um oficial, que se adiantou e entregou o cartão de dados para Ferrier.

— Ah, estou entendendo — declarou Ferrier, com ar conspiratório. — Entendi tudo. Essa é a gravação do negócio de Karrde com esse tenente Kosk, certo?

— Exatamente — disse Thrawn. — Isso, mais as evidências que já inserimos nos registros pessoais de Kosk, não devem deixar dúvidas que Karrde estava manipulando os outros contrabandistas. Espero que seja mais do que adequado.

— E... eles não são um grupo bonzinho, não é? — Comentou Ferrier, revirando nas mãos o cartão recebido e mascando o charuto. — Muito bem, então tudo o que preciso fazer é subir a bordo do *Wild Karrde*...

Niles Ferrier interrompeu-se ao deparar com o olhar do Grande Almirante.

— Não. Pelo contrário, você deve ficar tão longe quanto possível da nave de Karrde e também das instalações da base. Na verdade, não ficar sozinho em nenhum desses lugares.

— Claro, mas...

Atrás de si, Pellaeon escutou o suspiro de Thrawn.

— O seu defel é que deve colocar o cartão a bordo do *Wild Karrde*.

O rosto barbado iluminou-se com a compreensão.

— Claro, claro. Bem pensado. Minha ira pode entrar e sair sem ser vista, isso eu garanto.

— É melhor, mesmo. Porque não esqueci seu papel na morte do tenente Kosk e seus homens. Você está em dívida com o Império, Ferrier. E esse débito será pago.

O rosto do contrabandista empalideceu.

— Entendido, Almirante.

— Muito bem. Você vai permanecer em sua nave até que nossos decifradores obtenham a localização e a data do encontro de Karrde. Depois disso, estará por conta própria.

— Claro. E depois que eles tomarem conta de Karrde, o que eu faço?

— Está livre para cuidar dos próprios negócios — disse Thrawn. Quando eu precisar, você vai saber.

Os lábios de Ferrier se torceram.

— Claro — repetiu ele.

E no rosto barbado, Pellaeon percebeu que aquele homem começava a compreender a extensão de seu débito para com o Império.